

Corpos entre o paradigma ocidental e saberes afro-diaspóricos: o caso do Projeto CorpoFronteiras¹

Cuerpos entre el paradigma occidental y los saberes afro-diaspóricos: el caso del Proyecto CorpoFronteiras

Bodies between the Western paradigm and Afro-diasporic knowledges: the case of the CorpoFronteiras Project

[Artigo de reflexão]

Leonardo Diniz do Couto²
Wanja de Carvalho Bastos³

Recibido em: 20 de junio de 2024

Aceptado: 20 de agosto de 2024

Citar como:

Diniz do Couto, L., & de Carvalho Bastos, W. (2025). Cuerpos entre el paradigma occidental y los saberes afro-diaspóricos: el caso del Proyecto CorpoFronteiras. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 15(1), 180-191. <https://doi.org/10.15332/10640>



¹ Artigo de reflexão, resultado de pesquisa sem financiamento atual, ligada a grupo de pesquisa do CEFET-RJ, que se localiza na cidade do Rio de Janeiro - RJ. Brasil. Esta pesquisa será desenvolvida em pesquisa de doutorado a ser iniciado em 2024

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Docente do PPFEN CEFET-RJ na linha de pesquisa Percursos temáticos para o ensino de filosofia com o projeto de pesquisa “Os desafios de pensar e fazer política hoje”. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: leodocouto@cefet-rj.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4018-2799>.

³ Mestra em Epidemiologia em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ). Vinculada ao Laboratório do Imaginário Social sobre Atividades Corporais e Lúdicas (LISACEL/UERJ). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: wanja@uol.com.br; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6614-3624>.

Resumo

Este artigo é resultado de uma investigação ainda incipiente na educação física e noutras áreas do conhecimento que tomam o corpo humano como o seu objeto de interesse. Trata-se de uma investigação reflexiva sobre alternativas aos mandamentos das ciências consolidadas no Ocidente sobre saúde e beleza. O objetivo deste texto foi mostrar que, primeiro, epistemologicamente tais ciências da modernidade partem da compreensão do corpo das pessoas como coisa, separável da natureza, da cultura e da mente, entendendo-o tal como se fosse um objeto à espera do olhar investigativo das ciências que os destrincharão para descobrir seus segredos universalizáveis. E, segundo, pretendeu-se mostrar que outras compreensões sobre o corpo são possíveis. Para exemplificar essas alternativas foi apresentado o Projeto *CorpoFronteiras* — uma possibilidade de lidar com o corpo e a mente, singularizando-os, sem separá-los, e relacionando-os à sua ancestralidade, à natureza e à cultura em que se desenvolvem suas perspectivas e racionalidade.

Palavras-chave: ciência moderna, corpo, projeto *CorpoFronteiras*, saberes afro-diaspóricos.

Resumen

Este artículo es resultado de una investigación incipiente en educación física y en otras áreas del conocimiento que toman el cuerpo humano como su objeto. Se trata de una investigación reflexiva sobre alternativas a mandamientos de las ciencias consolidadas en el Occidente sobre salud y belleza. El objetivo de este texto fue mostrar que epistemológicamente estas ciencias modernas parten del entendimiento del cuerpo de las personas como una cosa, separable de la naturaleza, la cultura y la mente, entendidos como si fueran objetos esperando la mirada investigativa de las ciencias que los desentrañarán para descubrir sus secretos universalizables. Y se pretendía mostrar aún que son posibles otras comprensiones sobre ellos. Para ejemplificar esas alternativas se presentó el Proyecto *CorpoFronteiras*, una posibilidad de tratar el cuerpo y la mente, singularizándolos sin separarlos, y relacionándolos con su ancestralidad, la naturaleza y la cultura en la cual se desarrollan sus percepciones y racionalidad.

Palabras clave: ciencia moderna, cuerpo, Proyecto *CorpoFronteiras*; saberes afro-diaspóricos.

Abstract

This article is the result of an ongoing investigation in physical education and other fields of knowledge that take the human body as their object of interest. It is a reflective inquiry into alternatives to the mandates of established Western sciences concerning health and beauty. The aim of this text was to demonstrate, first, that epistemologically such modern sciences start from the understanding of the human body as a thing, separable from nature, culture, and mind, viewing them as objects awaiting the investigative perspective of the sciences that will dissect them to discover their universalizable secrets. Secondly, it aimed to show that other

understandings of the body are possible. To exemplify these alternatives, the *CorpoFronteiras* Project was presented — a possibility to deal with body and mind, singularizing them without separating them, and relating them to their ancestry, nature, and culture in which their perceptions and rationality unfold.

Keywords: modern science, body, *CorpoFronteiras* Project, afro-diasporic knowledge.

Introdução

Uma das marcas da modernidade europeia e ocidental — que nasce atrelada e a partir de um novo modo de se fazer ciência — é, sem dúvida, a busca pela universalidade. Para quem investiga e deseja desvendar as verdades escondidas a respeito da natureza, da cultura, da política, do conhecimento etc., não basta o discurso sobre um caso em particular, sobre este ou aquele objeto específico, singular. É preciso falar sobre o todo, sobre o universal que se materializa em cada particular. É preciso buscar a regularidade ou a razão que está presente dentro da diversidade dos acontecimentos e do mundo. De Descartes e Newton até muitos pensadores do século XXI é um sem-fim de exemplos de pensadores e pensadoras, nas várias áreas do conhecimento, que empreenderam esse caminho de busca do universal, entendido como conceito, ideia, como leis, verdade científica etc.

Esse modo, pode-se dizer típico da modernidade ocidental, de olhar para a realidade visando o que estaria para além do particular está bastante presente em todas as áreas das ciências com as quais nos relacionamos hoje no Brasil e no mundo, dos grandes centros de pesquisa e seus *papers* aos espaços mais comuns, triviais, como uma academia de ginástica, onde alguns resultados dessa ciência podem ser “aplicados”. É justamente a partir de uma conversa entre profissionais de educação física acerca do uso da musculação que será explicitada a questão que move este texto.

O caso em discussão trata da escolha de tratamento para uma mulher, na faixa dos 60 anos, com desconforto decorrente de má postura e alteração musculoesquelética. No ano de 2015, uma profissional de educação física iniciou, com esta mulher, um trabalho de coordenação motora e educação postural levando em consideração as suas alterações físicas particulares. Na proposta da profissional, buscou-se ensinar à aluna as dinâmicas das forças que agem sobre o sistema musculoesquelético, segundo os ensinamentos de Godelieve Denys-Struyf. Dessa maneira, mesmo durante as suas atividades diárias, ela foi incentivada a continuar usando o corpo de modo a equilibrar as tensões musculares de forma global. Vale observar que nesse programa de aulas, a percepção (decodificação sensorial mais interpretação subjetiva) é entendida como um aspecto essencial e o corpo é entendido como o resultado das interações entre os aspectos biológicos, sociais e das crenças da pessoa. A estratégia do tratamento de um

programa de reeducação de seu movimento de maneira global apresentava peculiaridades biomecânicas que, segundo a profissional, precisavam ser consideradas, tendo em vista a aplicação de técnicas que levassem a um novo funcionamento motor. Ou seja, tratava-se de um programa de reeducação com implicação física, mas que não se restringia a um trabalho apenas corporal tradicional.

No início de 2023, já com o arrefecimento do distanciamento social recomendado pelas autoridades de saúde durante a pandemia de covid-19, essa mulher optou por dar continuidade a um outro programa de treinamento físico que ela já fazia em paralelo em casa, com outro profissional de educação física, seu *personal trainer*, mas passando agora para uma sala de musculação. Por apresentar especificidades físicas relativas aos pés, mãos, bacia e coluna, os dois professores da mulher que, então, trabalhavam a partir de propostas diferenciadas, precisaram conversar sobre a importante mudança que aconteceria.

Em virtude do trabalho de reeducação do movimento desenvolvido durante oito anos ter apresentado consideráveis alterações positivas na coordenação motora global dessa mulher, as preocupações da primeira profissional ao trabalhar com ela em relação às atividades nos aparelhos da academia precisavam ser compartilhadas com o profissional responsável por orientar e acompanhar suas atividades físicas na academia de ginástica. Vale observar que a primeira profissional, aquela que se dedicou a fazer um acompanhamento singularizado com a mencionada aluna, trabalhando sempre com a perspectiva de sua situação física específica, presenciou, ao longo dos anos, experiências negativas no ambiente de musculação no que se refere à organização postural. É comum os alunos de educação postural, em salas de musculação, observarem os trabalhos das outras pessoas “malhando pesado” e desejarem aumentar a carga na execução da própria série ou ainda, acessar os vários aparelhos modernos disponíveis do ambiente. O sujeito, em função da sua especificidade musculoesquelética, corre ainda o risco de se lesionar caso tente executar exercícios aparentemente inofensivos. As situações mencionadas se relacionam ao apelo de um ambiente supostamente saudável e científico, no entanto, repleto de estímulos voltados ao consumo de uma estética padrão, muitas vezes prejudicial à sua saúde.

A conversa entre os dois profissionais foi, por fim, pouco produtiva; e a conclusão a que se chegou após o encontro, pouco animadora. O profissional que atuaria na sala de musculação pouco se afetou com as observações da primeira profissional. Restringiu-se a defender suas convicções acadêmicas e profissionais, não se permitiu trocar experiências epistemológicas. De seu turno, a mulher, centro da conversa entre os dois professores, ainda hoje, vai por conta própria dialogando, na medida do possível, com as competências de ambos e fazendo ajustes visando lidar com os exercícios físicos da academia pensados não para si especificamente, mas para mulheres de sua faixa etária. Ela entende que tem limites quanto à ergonomia a aparelhagem da academia e sabe também que é a sua singularidade que pode e deve agir sobre a máquina. Isso para que os bons resultados de trabalho postural atingidos nos

últimos oito anos não se percam e retornem os desconfortos já superados. Foi a sua sabedoria que favoreceu o trabalho dos educadores físicos, ao entrelaçar as informações relacionadas à sua natureza com a cultura em que vive — no caso, a estética corporal feminina ideal no Rio de Janeiro.

O título deste artigo remete ao embate de fundo na conversa entre os dois profissionais aludidos. Por um lado, tem-se os ditames hegemônicos e universalmente consolidados pela ciência moderna, materializados, neste caso, por equipamentos que se adequariam aos diversos modelos de corpos, pensados por faixas etárias, tamanho e força dos usuários, entre outros mandamentos da saúde e beleza em geral. Por outro, tem-se o uso de saberes, em regra, desqualificados e desmerecidos; saberes aplicáveis ao corpo singular e desenvolvidos por tradições milenares. Neste texto, a ideia é confrontar um paradigma de cuidado com o corpo que deriva de uma visão afro-diasporicamente centrada com o paradigma identificado como científico ocidental, marcado por modelos e índices que representariam a saúde e a beleza. A questão abordada será: como os dois paradigmas entendem e tratam de saúde e beleza? O resultado deste trabalho de pesquisa foi demonstrar que em um mundo plural, o conhecimento, suas epistemologias e suas práticas associadas também precisam ser plurais, cabendo mais do que os mandamentos das ciências modernas ocidentais.

O paradigma científico ocidental

Um dos autores mais emblemáticos e representativos da cultura ocidental — incontornável quando se fala sobre os pressupostos da visão científico-moderna — é, sem dúvida, René Descartes, filósofo, cientista e matemático francês do século XVI. Mentor do racionalismo moderno e defensor da cisão epistemológica entre alma (ou mente) e corpo, Descartes se tornou um daqueles autores fundamentais da modernidade ocidental com quem é preciso dialogar, seja para concordar com suas teses e desenvolvê-las, seja para criticá-las.

Em suas *Meditações*, possivelmente seu texto mais conhecido e discutido, o autor francês, entre outras teses, defende que somos, enquanto seres humanos, constituídos por duas substâncias distintas embora conectadas: a substância pensante e a substância extensa. A primeira tem o atributo essencial do pensamento; a segunda apresenta o atributo essencial de ter extensão, de ocupar lugar no espaço. A primeira corresponde a toda uma atividade intelectiva, de raciocínio, de compreensão, reflexão e decisão; a segunda diz respeito àquilo que pode causar alterações e intervenções físicas no mundo. A primeira seria a alma ou, pode-se dizer, a mente; a segunda seria o corpo.

Para Descartes, a mente mobiliza o corpo, que por sua vez só ganha vida e vontade quando conectado a ela, sendo como se fosse uma máquina a ser animada pela

substância pensante. É a razão quem controla e decide. O corpo se move guiado pela razão. Muito resumidamente, essa é a base da compreensão dualista cartesiana.

Tal compreensão cartesiana acabou por se tornar um dos pilares a partir dos quais a ciência moderna se estruturou. E uma das consequências para a posteridade dessa perspectiva é a ideia de que o corpo é como uma máquina, uma engrenagem, que, de modo geral, apresenta um funcionamento ótimo quando tratado de maneira correta. Alimentação saudável, exercícios físicos moderados, descanso adequado estão nesta dieta recomendada em geral para o corpo, visto como nosso instrumento, o transporte que acomoda nossa alma, nossa consciência. Note-se que o dualismo cartesiano se encontra aqui presente.

Uma segunda consequência relevante para o desenvolvimento deste texto diz respeito à importância que a razão adquire, seguindo essa compreensão cartesiana, para a posteridade e para toda a ciência moderna no que se refere ao conhecimento, isso em detrimento dos sentidos — o cheiro, a cor, a textura, o som, a sensação do corpo no espaço. A repercussão clara nos dias de hoje dessa visão científico-cartesiana pode ser encontrada nos diferentes espaços da sociedade, inclusive naquele da academia de ginástica, mencionado anteriormente. Em regra, nesses espaços, o trabalho é pensado e executado tendo em vista o desenvolvimento dos corpos, ou do corpo em geral, com a métrica de um ideal amplo, estético e de saúde. Mesmo nos trabalhos individualizados, de *personal trainer* por exemplo, é essa métrica que na maior parte das vezes está em jogo. O que se visa trabalhar é o desenvolvimento desse instrumento do qual nossa consciência faz uso. E ele é trabalhado como instrumento, como uma máquina que precisa funcionar bem para nos possibilitar viver melhor. Acrescente-se ainda que esse mesmo corpo, esse instrumento do qual nos servimos, não está autorizado a, por si só, gerar conhecimento confiável. Afinal, como diria Descartes, “ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar em quem já nos enganou uma vez” (1983, p. 86). A definição do trabalho adequado para o corpo vem de uma consciência que projeta equipamentos de ginástica para os corpos em geral, que pensa a quantidade de repetição dos exercícios nesse equipamento e assim por diante. Quando muito esse corpo oferece apenas sinais, como dor, que serão avaliados pela consciência.

É importante destacar que mesmo esta apresentação muito sintética e um pouco caricatural da filosofia cartesiana e da ciência moderna ainda é útil para os propósitos deste texto. A ideia, evidentemente, não foi discutir a obra do filósofo francês nem mesmo criticá-la. Não há dúvida sobre a relevância desse autor para a filosofia e para a história do Ocidente. Assim como também não foi o objetivo discutir a ciência moderna, negar sua importância, suas contribuições para a humanidade etc. O objetivo buscado foi apenas ressaltar um dos seus legados, um daqueles que acabou por se disseminar no senso comum leigo, tendo alguma repercussão em espaços científicos, legado que maquiniza o corpo e que despreza outras abordagens que veem nele mais do que uma

coisa inanimada. Para muitos profissionais da medicina, dos desportos etc., lamentavelmente, esse é um paradigma estruturante de sua abordagem.

Na próxima seção será abordada uma outra perspectiva confrontante a esta última que divide mente e corpo herdada de uma leitura do cartesianismo moderno. O foco agora se volta para a experiência do Projeto *CorpoFronteiras*, método desenvolvido por Wanja Bastos, que a partir de agora relata como chegou a ele e do que se trata.

O corpo como resultado de interações entre os eixos: natureza, cultura e ancestralidade

CorpoFronteiras é um conceito que nasceu de vivências pessoais e profissionais. Baseia-se nas relações entre os três domínios constituintes do corpo: a natureza, a cultura e a ancestralidade. Esse olhar complexo desperta a atenção para um corpo plural, habitado por fronteiras intercambiáveis, o que afirma o nosso pertencimento a um sistema diverso e maior. Sobre diversidade e pertencimento, Gutiérrez e Prado comentam sobre a possibilidade de chegarmos “a descobrir qual é o lugar que corresponde ao ser humano no cosmos” (2002, p. 122). E é no jogo de tensão entre as três fronteiras existentes no corpo que ações, emoções e pensamentos se organizam para que, por exemplo, uma nova postura possa ser agenciada com a mediação de profissionais, em aulas de Educação Postural. Daqui em diante, para oferecer maior clareza à tese defendida neste texto, o mesmo dialogará com o relato de Wanja Bastos que se inicia a partir de agora.

Foi na família materna, em um terreiro de umbanda, onde começou a gestação da ideia de um corpo que se altera conforme o contexto vivenciado. Como em todas as casas do subúrbio do Rio de Janeiro, da década de 1960, as crianças frequentavam escolas, tinham consultas com médicos, brincavam nas ruas e nos festejos do bairro, porém, em casa, além desses compromissos, as entidades do terreiro também cuidavam da saúde da família, tinham um calendário de festas, ou seja, elas viviam entre nós. Portanto, a nossa percepção do mundo foi forjada com a leitura de traços. “Chamo de traço tudo aquilo que tem significado para um grupo ou alguém, por exemplo, palavras, cheiros, cores, sons, gestos: uma linguagem” (Bastos, 2019, p. 23). São códigos criados para que os participantes se comuniquem, gerando uma alegre sensação de pertencimento. Ler traços é condição dos iniciados. Chandler considera o símbolo um tipo de sinal puramente convencional, “de tal modo que o relacionamento deve ser acordado e aprendido” (2007, p. 38). As sabedorias dos antigos, além das escritas, eram constituídas de inúmeros símbolos ou traços que representavam e ajudavam a entender a nossa realidade.

A esta leitura dos traços das entidades que nos rodeiam mais tarde se juntou a dança afro-brasileira de Mercedes Baptista. O meu repertório da cultura afro-diaspórica, assim, ampliou-se, abrindo agora um leque de significados, composto de elementos musicais, de dança, entre tantas outras expressões populares. Em suma, os códigos que aprendi no espaço familiar, aos poucos, foram se diversificando junto com outras comunidades as quais passei a frequentar, gerando, portanto, novos traços com novos significados.

Outro elemento importante, do qual também extraí traços, no entrelaçamento dos três eixos citados, a saber, a natureza, a cultura e a ancestralidade, foi o estudo que realizei do Método GDS de Cadeias Musculares, já citado na introdução deste texto. GDS são as iniciais do nome da criadora de uma proposta de fisioterapia, Godelieve Denys-Struyf. Artista retratista, Denys-Struyf nasceu no antigo Congo Belga, atual República Democrática do Congo, onde cresceu em contato com a natureza até os 16 anos, além de ter sido fortemente influenciada pela cultura sensorial banto, maior grupo étnico da região. Os tambores marcaram profundamente sua história. Na Bélgica, ela frequentou a Escola de Belas Artes, formou-se em Osteopatia e Fisioterapia, casou-se com um médico especializado em Medicina Tradicional Chinesa, que a influenciou de maneira determinante na elaboração do Método GDS de Cadeias Musculares.

Denys-Struyf identificou seis tipologias comportamentais (psicocomportamental) associadas a seis cadeias musculares (biomecânica) correspondentes. Seus estudos a levaram a defender que músculos e atitudes agem em conjunto. Cada família de músculos é motivada de maneira particular a partir de determinados estímulos (físico e emocional). Esse é um tema extenso, no entanto, é fundamental que seja ressaltado que seu estudo teve forte influência das culturas ancestrais africana e chinesa. Denys-Struyf afirma, sobre os aspectos psicomotores, que cada cadeia tem maior predisposição para apresentar comportamentos específicos. Isso significa dizer que estimular uma cadeia de músculos leva a certa disposição comportamental, atrofiar outra cadeia levaria à omissão noutra disposição e assim por diante.

Enquanto minha formação pessoal foi se encaminhando por esse percurso, na minha graduação de Educação Física e suas disciplinas fui sendo estimulada a viver um desencantamento das leituras de traços. A magia ficava a critério apenas de alguns professores, como o saudoso Renato Alvarenga. No mestrado em Epidemiologia pude assistir a representação da realidade pelos números. Foi nesse período que pude lidar com a mais elevada abstração do corpo humano. Deparei-me com conceitos epidemiológicos que me permitiram a iniciação em uma nova comunidade, a da estatística. A verdade científica é uma verdade encantada, numérica, o seu problema aparece quando a valorização da força dos números apaga os ensinamentos que vieram antes e com isso nos afasta das singularidades dos corpos dos alunos.

O conceito *CorpoFronteiras* chegou com todas essas referências e seus traços e ainda com a literatura, com palestras e leituras de Spinoza, Nietzsche, Foucault, Muniz

Sodré, Zeca Ligiéro, Nei Lopes, Conceição Evaristo, Luiz A. Simas, Luiz Rufino, Ailton Krenak, e muitos outros e outras. Em suma, *CorpoFronteiras* é a denominação dada a um trabalho que busca apresentar uma proposta para a Educação Física que visa aplicar diversos saberes sobre o corpo, científicos e não científicos, considerando a singularidade e pluralidade do aluno. A biologia, as emoções e as crenças dos antigos estão interagindo nos corpos plurais também dos profissionais de Educação Física.

Educação Postural, Dança Afro-brasileira e Cadeias GDS: chegando ao *CorpoFronteiras*

Sustentar uma posição determinada, na dinâmica ou na estática, é uma habilidade que permite controlar os segmentos do corpo e mantê-los em equilíbrio. As perturbações externas e internas são superadas por vários mecanismos neuromotores para que a construção de um gesto expressivo e o equilíbrio postural sejam efetivos. A resumida explicação abre um espaço para que o entendimento de Educação Postural não se restrinja a um conteúdo disciplinar e justifique a elaboração deste estudo. Refletir sobre qualquer movimento que ocorra no corpo, desde a menor até a maior amplitude, passa pelo entendimento de que as partes do corpo precisam se organizar para que a intenção do gesto ocorra e o equilíbrio seja mantido. Durante uma conversa, uma corrida ou sentado tomando café, o corpo precisa estar em um estado de atenção para realizar constantes ajustes na execução dos movimentos voluntários, mas nem sempre de forma consciente. Uma observação necessária sobre a individualidade das posturas é que cada pessoa perceberá os estímulos de maneira particular, os eixos estão sempre interagindo. Os aspectos biológicos não explicam, isoladamente, tanta diversidade de respostas motoras de uma pessoa diante de determinada provocação, em distintas ocasiões. Mesmo uma emoção pode causar as reações mais diversas entre pessoas ou na mesma pessoa, mas em dias diferentes. A crença em nossos antepassados, no que foi ensinado no grupo, por exemplo, comunitário ou familiar, interfere nessas reações pessoais. Dessa maneira, com tanta diversidade interagindo em um corpo, a postura de um aluno não pode ser a mesma indicada para outros tantos da mesma idade, altura, peso etc. Evidentemente, existe um padrão fisiológico para a organização dos segmentos corporais, ou seja, a orientação postural (Kandel, 2014). Mesmo assim, as peculiaridades de um aluno precisam ser entendidas na relação do profissional com o aluno. Não há apenas uma postura correta, quando todos esses aspectos são levados em consideração — a natureza, a cultura e a ancestralidade.

O *CorpoFronteiras* é o resultado de toda essa junção, que primeiramente vislumbrei em mim. Antes de pensar em estudar o movimento humano, na década de 1980, senti as diferenças posturais com as danças dos orixás, quando cada um deles contava suas histórias de guerras, mutações, encantos, vitórias, amor, enquanto eles dançavam. Nos terreiros de candomblé e umbanda, as divindades iorubás são invocadas por tambores,

palmas, cantos e danças, e é dessa forma que as religiões afro-diaspóricas criam o elo entre os mundos visível e invisível. Foi também a partir desse universo religioso que a bailarina, coreógrafa e pesquisadora Mercedes Baptista criou a Dança Afro-brasileira, levando para o espaço cênico as performances baseadas nessas danças sagradas e nas salas de aulas. Mercedes difundiu a sua criação e contribuiu para este trabalho a partir da diversidade dos corpos dançantes. Uma década depois de ter começado o curso de dança, e já muitos anos depois de minha experiência de terreiro, iniciei os estudos do Método GDS.

Finalmente em 2015, em uma aula prática, senti Mercedes Baptista e Godelieve Denys-Struyf se encontrarem em meu corpo. E de maneira equivalente e complementar, os conhecimentos dessas duas mulheres se manifestaram na dança de Ogum, quando o corpo demandou maior tensão da cadeia muscular GDS posteromediana (PM). E o que isso quer dizer? Quer dizer que na Dança Afro-brasileira de Ogum é a cadeia GDS posteromediana que recupera o equilíbrio do bailarino, não o deixando cair. Quanto aos aspectos psicomotoriais da cadeia PM, o mito de Ogum apresenta as mesmas características. Durante outras aulas, senti e identifiquei que mais cinco cadeias musculares GDS se sobreponem às danças de outros cinco orixás, levando-me às duplas orixás-cadeias: Iansã-Posterolateral (PL), Oxum-Anterolateral (AL), Obaluá- Anteromediana (AM), Xangô-Posteroanterior (PA), Exu-Anteroposterior (AP). Numa experiência ancestral, uma mãe de santo disse: “não sei qual é o seu projeto, mas você vai ter que dançar para Oxumaré”. Assim como o orixá que equilibra os opostos, vivendo um período em que se arrasta como cobra e outro resplandece como arco-íris, meu trabalho é equilibrar as tensões (o axé) entre as cadeias musculares dos alunos. Esse é o *CorpoFronteiras*.

Neste ponto, o relato de Wanja Bastos se encerra com a apresentação de *CorpoFronteira*, entendendo que este não é resultado de racionalização apenas, mas de vivência. Passemos agora ao diálogo desta perspectiva com a perspectiva moderna ocidental.

O Projeto *CorpoFronteiras* e a contracolonização

Por fim, pode-se concluir que o Projeto *CorpoFronteiras* é a denominação dada a um trabalho voltado para a aplicação de diversos saberes articulados sobre o corpo em movimento, saberes adquiridos na graduação de Educação Física, na experiência de terreiro, na experiência com a Dança Afro-brasileira de Mercedes Baptista e também com o Método GDS. Todos esses saberes articulados atuam a partir de três eixos: a natureza, a cultura e a ancestralidade.

A singularidade das pessoas e a transdisciplinaridade do *CorpoFronteiras* são a base deste projeto que, no intuito de “indisciplinar” as informações acadêmicas mais

rigorosas, sem aplicá-las do modo mais tradicional, ultrapassa o pensamento binário da ciência moderna em sua leitura difundida no senso comum, na qual o corpo é idealizado e entendido como se máquina fosse.

Antônio Bispo dos Santos (2023) adota o diálogo de fronteiras como uma via para resolver as questões entre os colonizadores e nós, mantendo sempre uma tensão entre as forças. Dessa forma, ao tomar como base a *contracolonização* de Bispo dos Santos, o projeto *CorpoFronteiras* sugere que a aplicação dos conhecimentos sistemáticos nos corpos das pessoas, gere, por um lado, transgressões nos pilares das ciências modernas e, ao mesmo tempo, gere um corpo plural e singular que seja reconhecido nas aulas práticas e diárias do profissional de Educação Física. Seguindo as palavras de Bispo dos Santos (2023, p. 59):

Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio.

A imagem da fronteira, que conecta colonialismo e contracolonialismo, veneno e antídoto, criada pelo quilombola Bispo dos Santos é aqui adotada para elucidar a relação dos contornos estabelecidos entre os três eixos mencionados anteriormente. Sobre isso diz ainda Bispo dos Santos (2023, p. 30): “fronteira é um território movediço e elástico”, portanto, a pluralidade de cada corpo se revela pela interação estabelecida entre os três suportes do corpo, mas em um tempo específico. O autor defende o enfraquecimento do colonizador através do combate à rigidez epistêmica ocidental, não a sua eliminação, mas o seu enfraquecimento diante dos saberes ancestrais. Portanto, a hipótese do Projeto *CorpoFronteiras* é de que a aplicação dos diversos conhecimentos, inclusive aqueles que são adquiridos nas graduações de Educação Física, seja entendida como fundamental.... Em geral, esses conhecimentos disputam o corpo do aluno, desrespeitando a unidade da pessoa e a diversidade entre os corpos. O que se propõe aqui, então, é que os alunos possam ser respeitados em suas singularidades, considerando os três eixos que compõem cada corpo: a natureza, a cultura e a ancestralidade.

Considerações finais

“Somos todos uma mesma coisa”. Somos corpo, mente e mistura, indivisão. Este texto entende que os corpos das pessoas não devem ser disputados, mas compreendidos como o resultado das interações que todas realizam singularmente. E o seu cuidado precisa levar isso em consideração. Nesse sentido, os equipamentos de ginástica das

academias precisam ser tomados como instrumentos, não como fins em si mesmos. Devem ser instrumentos de pessoas com experiências diversas e distintas, pessoas que dançam, brincam, correm, andam, sentam, rezam, pessoas que se emocionam, têm intuição etc. A experiência do *CorpoFronteiras* é apenas mais uma entre outras que nos oferecem alternativas aos imperativos ocidentais de busca de uma compreensão única de beleza e saúde, tomadas como padrão geral, universal. É uma alternativa que visa respeitar o que valorizamos singularmente, que desejamos para além dos padrões únicos, é uma alternativa que aponta para os mundos plurais que queremos.

Agradecimento

Artigo de reflexão, resultado de pesquisa sem financiamento atual, ligada a um grupo de pesquisa do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), que se localiza na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Esta pesquisa está em desenvolvimento em pesquisa de doutorado iniciado em 2024.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não enfrentam conflitos de interesse.

Referências

- Bastos, W. C. (2019). *Entre o mito e o músculo: dança dos orixás e cadeias*. Editora Appris.
- Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. UBU editora.
- Chandler, D. (2007). *Semiotics: the basics*. 2. ed. Routledge.
- Descartes, R. (1983). Meditações. In: R. Descartes. *Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas*. J. Guinsburg e B. P. Júnior (Trads.). 3. ed. São Paulo.
- Gutiérrez, F., & Prado, C. (2002). *Ecopedagogia e cidadania planetária*. Cortez Editora.
- Lent, R. (2010). *Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociência*. Atheneu.
- Lopes, N. E., & Simas, L. A. (2020). *Filosofias africanas: uma introdução*. Civilização Brasileira.
- Kandel, E. R. et al. (2014) *Princípios de Neurociência*. 5. ed. Porto Alegre.